

# Antônio Gedeão – Dia de natal

Hoje é dia de ser bom.

É dia de passar a mão pelo rosto das crianças,  
de falar e de ouvir com mavioso tom,  
de abraçar toda a gente e de oferecer lembranças.

É dia de pensar nos outros – coitadinhos – nos que padecem,  
de lhes darmos coragem para poderem continuar a aceitar a sua  
miséria,

de perdoar aos nossos inimigos, mesmo aos que não merecem,  
de meditar sobre a nossa existência, tão efémera e tão séria.

Comove tanta fraternidade universal.

É só abrir o rádio e logo um coro de anjos,  
como se de anjos fosse,

numa toada doce,

de violas e banjos,

entoa gravemente um hino ao Criador.

E mal se extinguem os clamores plangentes,

a voz do locutor

anuncia o melhor dos detergentes.

De novo a melopeia inunda a Terra e o Céu

e as vozes crescem num fervor patético.

(Vossa excelência verificou a hora exacta em que o Menino  
Jesus nasceu?)

Não seja estúpido! Compre imediatamente um relógio de pulso  
antimagnético.)

Torna-se difícil caminhar nas preciosas ruas.

Toda a gente acotovela, se multiplica em gestos esfuziante,

Todos participam nas alegrias dos outros como se fossem suas

e fazem adeuses enluvados aos bons amigos que passam mais  
distante.

Nas lojas, na luxúria das montras e dos escaparates,

com subtis requintes de bom gosto e de engenhosa dinâmica,

cintilam, sob o intenso fluxo de milhares de quilovates,

as belas coisas inúteis de plástico, de metal, de vidro e de cerâmica.

Os olhos acorrem, num alvoroço liquefeito,  
ao chamamento voluptuoso dos brilhos e das cores.  
E como se tudo aquilo nos dissesse directamente respeito,  
como se o Céu olhasse para nós e nos cobrisse de bênçãos e favores.

A oratória de Bach embruxa a atmosfera do arruamento.  
Adivinha-se uma roupagem diáfana a desembrulhar-se no ar.  
E a gente, mesmo sem querer, entra no estabelecimento  
e compra – louvado seja o Senhor! – o que nunca tinha pensado comprar.

Mas a maior felicidade é a da gente pequena.  
Naquela véspera santa  
a sua comoção é tanta, tanta, tanta,  
que nem dorme serena.  
Cada menino abre um olhinho  
na noite incerta  
para ver se a aurora já está desperta.  
De manhãzinha  
salta da cama,  
corre à cozinha em pijama.

Ah!!!!!!!

Na branda macieza  
da matutina luz  
aguarda-o a surpresa  
do Menino Jesus.

Jesus,  
o doce Jesus,  
o mesmo que nasceu na manjedoura,  
veio pôr no sapatinho  
do Pedrinho  
uma metralhadora.

Que alegria  
reinou naquela casa em todo o santo dia!  
O Pedrinho, estrategicamente escondido atrás das portas,  
fuzilava tudo com devastadoras rajadas  
e obrigava as criadas  
a caírem no chão como se fossem mortas:  
tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá.  
Já está!  
E fazia-as erguer para de novo matá-las.  
E até mesmo a mamã e o sisudo papá  
fingiam  
que caíam  
crivados de balas.

Dia de Confraternização Universal,  
dia de Amor, de Paz, de Felicidade,  
de Sonhos e Venturas.  
É dia de Natal.  
Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade.  
Glória a Deus nas Alturas.

**António Gedeão, Antologia Poética**